

ACTA PALAEOHISPANICA XI

ACTAS DEL XI COLOQUIO INTERNACIONAL
DE LENGUAS Y CULTURAS PRERROMANAS
DE LA PENÍNSULA IBÉRICA

VALENCIA, 24-27 DE OCTUBRE DE 2012

PALAEOHISPANICA

13 - 2013

INSTITUCIÓN «FERNANDO EL CATÓLICO»
Excma. Diputación de Zaragoza

*

ACADÈMIA VALENCIA DE LA LLENGUA
Generalitat Valenciana

Comité Editorial

Editores: X. Ballester, *Universidad de Valencia.*
F. Beltrán Lloris, *Universidad de Zaragoza.*
F. J. Fernández Nieto, *Universidad de Valencia.*
C. Jordán Cólera, *Universidad de Zaragoza.*
J. Siles, *Universidad de Valencia.*
Secretario: B. Díaz Ariño, *Universidad de Zaragoza.*
Ayudante: I. Simón Cornago, *Universidad de Zaragoza.*

FICHA CATALOGRÁFICA

PALAEOHISPANICA: revista sobre lenguas y culturas de Hispania Antigua / Institución «Fernando el Católico».— N° 1 (2001)- .—Zaragoza: Institución «Fernando el Católico», 2001. 24 cm.

Anual

I.S.S.N.: 1578-5386

I. Institución «Fernando el Católico», ed.
930.8(365)

Publicación número 3.281
de la Institución «Fernando el Católico»
Organismo autónomo de la Exma. Diputación de Zaragoza
Plaza de España, 2 · 50071 Zaragoza (España)
Tff.: [34] 976 28 88 78/79 - Fax: [34] 976 28 88 69
ifc@dpz.es
www.ifc.dpz.esv

© Los editores y los autores.
© De la presente edición: Institución «Fernando el Católico»

I.S.S.N.: 1578-5386
Depósito Legal: Z-3.450/2001
Impresión: Navarro & Navarro Impresores, Zaragoza

IMPRESO EN ESPAÑA - UNIÓN EUROPEA



GENTES E DIVINDADES NA LUSITÂNIA PRÉ-ROMANA OCIDENTAL

José d'Encarnação

Passam 45 anos desde que as questões linguísticas ditas “paleo-hispânicas” ocupam parte significativa da minha actividade científica. Aprendi com Tovar, com Mariner, com Lourdes Albertos, com Untermann, com José María Blázquez — tendo como mestres, na Epigrafia, D. Fernando de Almeida e Giancarlo Susini. E com todos aprendi a humildade e a relatividade das coisas.

Assim nos temas paleo-hispânicos, de que vou apresentar quatro exemplos, não por serem novidade, mas por, em meu entender, se enquadrarem nessa lógica da transitoriedade de hipóteses, em que — como sempre! — o importante é levantar questões.

1. HISPALLVS

Começo com uma inscrição de *Pax Iulia* (IRCP 351), em que o elemento pré-romano está completamente ausente (fig. 1).

Euhodus — escravo ou liberto — toma a iniciativa de mandar lavrar uma eloquente estela a *Hispallus*, manifestando deste modo toda a imensa dor sentida pela perda do menino de apenas três anos de idade. Seu filho? Talvez. Nunca ninguém o saberá aqui na terra, pois que avisadamente nenhuma relação familiar vem mencionada. Há, porém, uma delação social: *Hispallus* nasceu “escravo” de *Bocchus* — este, sim, personagem importante no tecido social pacense, uma vez que, se tal não fora, seu nome também se omitiria.

Não vamos, porém, discutir eventual identificação ou ligação deste *Bocchus* com os afamados *Cornelii Bocchi* de *Salacia*, *Olisipo* ou *Scallabis* e, eventualmente, *Emerita*.¹

De *Euhodus*, etimologicamente grego, temos exemplos que bastem na epigrafia da Cidade Eterna: Solin 1982, 852-854, apresenta um total de 80,

¹ Sobre estes personagens que na Lusitânia romana gozaram de grande prestígio, pode ver-se Cardoso 2011, bem como o livro, de M. González Herrero, em vias de publicação 2013.

30 escravos e libertos, 50 de estatuto indeterminado, desde o tempo de César ao século IV, com grande predominância na dinastia dos Júlios-Cláudios.

Hisपालlus, ao invés, afigura-se-nos sintomático, na linha do raciocínio que iniciámos. Kajanto, por exemplo, é peremptório: trata-se, em seu entender, do diminutivo *Hispan(e)los* e, tal como aconteceu com *Gneus Cornelius Scipio Hisपालlus*, cujo pai morreu em combate na Hispânia e por isso se lhe deu o nome de *Hisपालnus*, *Hisपालlus* equivale a *Hisपालnus* — e não se pensa mais no assunto. E não pensei — até que, retomando a análise da decoração, ousei pôr em dúvida o que Kajanto afirmara e... *Hisपालlus* é nome formado a partir de *Hisपालlis*, tendo como representante famosa a nobre cortesã *Hisपालa Faecenia*, que em Roma terá feito furores, a acreditar, por exemplo, em Tito Lívio.²

2. VALVTIVS

O segundo exemplo (fig. 2) é também recente.

No fragmento — identificado neste Verão em Arruda dos Vinhos (*FE* 449) — apenas vem claro o antropónimo *Valutius*.

Desfizeram-se, assim, em primeiro lugar, as dúvidas de grafia — porque tínhamos um *Valutio* em Piñeiro de Tribes, de leitura incerta; havia *Valucis* (com *c*) na Dácia (*CIL* III 8077), *Valuco* como marca de oleiro na Gália e na Alemanha (Albertos 1966, 242). Importava, porém, esclarecer a sua etimologia: indígena ou latino? E, no entender de María Lourdes Albertos, todos estes antropónimos se baseariam no indo-europeu **ual-*, com o significado de ‘ser forte’, relacionável, pois, com o sentido do verbo *valere*, ‘passar bem’ (*ibidem*).

Perante a existência de exemplos extrapeninsulares, a dúvida instalou-se. Fui consultar José María Vallejo e a pesquisa deu como resultado uma resposta negativa: *Valutius* deve incluir-se, sem dúvida, no número dos an-

² Kajanto inclui este *cognomen* no número dos que têm o sufixo *-ulus/a* ou equivalente e escreve: “Barbaric ethnics appear as the cognomina of the Roman nobility only after the peoples had come into the Roman sphere of influence: *Hisपालlus* is recorded 176 B.C. [...]” (nota na pág. 49). Na p. 125, no âmbito da explicação desses diminutivos e sua formação, dá como exemplos da ocorrência de poucas transformações fonéticas “the republican names *Atellus (Ater)* and *Hisपालlus (Hisपालnus)* [...] explainable as from *Atr(e)los* and *Hisपाल(e)los*”. Será, todavia, na p. 199, no quadro dos *cognomina* etimologicamente formados a partir de topónimos, que vem a explicação da opinião atrás expandida: cita *Gnaeus Cornelius Scipio Hisपालlus*, que assumiu o consulado em 176 a.C. (*PIR* IV p. 90) e esclarece, citando Reichmuth (p. 54), que “his father fought and was killed in Hispania, and may been called *Hisपालnus*”. Kajanto refere depois que *Hisपालlus* ocorre em *CIL* X 5588 (Campania); que se regista um *Hisपालus* em *CIL* XI 6193; e sobre *Hisपालa Faecenia*, “a famous courtesan 186 B.C. (*RE* 6, 2097)”, afirma: “Probably has an old women’s *praenomen*” — o que, na verdade, não se me afigura ser uma justificação clara, se se tiver em conta que acerca desta influente cortesã escreve V. E. Pagán (p. 61): “Originally a Spanish slave from *Hisपालis* (now Seville), she took the name of her patron upon manumission”. Era o que eu suspeitara: a interpretação de Kajanto, ainda que engenhosa, não é aceitável.

tropónimos latinos, inclusive dos mais “clássicos” (digamos assim!), com exemplos do seu uso como *nomen* na Cidade Eterna!³

Pleiteava comigo José María Blázquez, porque eu tinha a ideia de que, em vez de aumentar, o número de teónimos indígenas iria pouco a pouco diminuir, porque a investigação mostraria ter uma mesma divindade grafias e epítetos diferentes de região para região, mas, no fundo, se mantinha a mesma com idênticas funções e características. Parece, agora, que no mesmo sentido se caminha no que respeita aos antropónimos. Veremos se o futuro nos dará razão.

3. TESSERA

O terceiro caso poderá ser mais polémico e creio que todos o conhecem, dado que foi minha intenção fazer dele a mais ampla divulgação (Encarnação 2009), justamente para, em conjunto, tentarmos chegar a hipóteses plausíveis. Trata-se da *tessera* (fig. 3) verosimilmente proveniente da zona de Campo Maior (nos limites orientais do *ager Emeritensis*), onde se lê:

CABVRIVS / TANGINI · F(*ilius*) · / TESSERAM / POPVLO · QVI · /
CONVENIVNT / ARTICA · CAPVD / DE · SVO · DONAVIT

Cabúrio, filho de Tangino, ofereceu, a expensas suas, a tésseira ao povo que se reúne [sic] na capital Ártica.

Procedemos a análises (Encarnação 2011, 66, 69-70)⁴ e, mesmo tendo em conta que sempre haverá quem conteste a sua validade para ajuizar da antiguidade duma peça de bronze (Encarnação 2011, 134), temos sérias dúvidas em pôr em causa a sua autenticidade.

São três os argumentos a favor:

- a tipologia;
- a presença de um antropónimo pré-romano pouco comum: *Caburius*;
- os lapsos sintácticos, fruto de uma concordância *ad sensum*.

Desconheço se a *tessera* voltou já a ser objecto de reflexão por parte de algum dos meus doutos colegas. É que, na verdade, a ser autêntica como penso, a tésseira põe-nos questões em que não tínhamos pensado.

Suspeitava-se, naturalmente, que, no contexto das lutas contra os Romanos, quer no tempo de Viriato quer de Sertório, quer mesmo, eventualmente, em tempo de Augusto já, as forças em presença tivessem necessitado de assinar pactos, afinar estratégias, reunir “conselhos de guerra” (como hoje

³ Vallejo 2005, 446, inclina-se para que estejamos perante um antropónimo latino e cita os exemplos aduzidos por Schulze da sua ocorrência como gentílico em Roma (*CIL* VI 28 315) e em *CIL* XI 4007.

⁴ Voltámos a apresentá-la a 30.03.2011, no âmbito das Jornadas *Conservação e técnicas de análise para o estudo e salvaguarda do património metálico*, em Lisboa (Museu Nacional de Arqueologia e Centro de Física Atómica): “Da invenção de inscrições romanas a casos autênticos: o caso de uma tésseira em liga de cobre” (comunicação ainda por publicar).

se diria), partindo de alguém (necessariamente) tal iniciativa. A forma *conveniunt* apontará decerto nesse sentido: a convergência num lugar para nós inteiramente desconhecido — *Artica* — a que mui verosimilmente se atribui, no momento, a categoria de capital — *capud = caput* —, convergência de... *populi!* E que significado poderia ter a oferta *de suo* deste documento por parte de um indígena, *Caburius Tangini filius*? Garante de recíproca fidelidade? Poder-se-á ver aqui como que um antecedente do que virão a ser as *tesserae hospitales*, nascidas, aliás, nesse mesmo contexto de garantia de uma fidelidade? Aqui, apesar do singular *populo*, poder-se-ia pensar que seria mais do que um, atendendo ao plural *conveniunt*. A hipótese de se entender mesmo no singular — um singular colectivo — é, contudo, mais verosímil e poderá configurar precisamente essa aliança entre um “chefe”, *Caburius*, e os que acorreram ao seu chamamento. Quanto se sabe, as ocorrências do nome *Caburius* não são significativas, embora o patronímico *Tanginus* aponte claramente para uma etimologia da área lusitana, onde a “presença” de *Tangini* não deixa lugar a dúvidas.

Encontramo-nos, por conseguinte, naquele horizonte temporal de activa aculturação, em que o domínio da sintaxe ainda não é perfeito; a grafia reflecte a oralidade; mas a terminologia já se encontra a vigorar no quotidiano.

Se, porém, em vez de situarmos o monumento no citado ambiente bélico, o enquadrarmos no horizonte, porventura mais consentâneo com a realidade de então, das chamadas *tesserae paganicae* (Beltrán 2006 e 2010; Gómez-Pantoja 2009), o resultado interpretativo não deixa de ser eloquente, pois poderemos ter aqui a referência a uma das habituais cerimónias de *lustratio* dos campos, as *feriae paganicae*, a ocorrer no *vicus*, como sede administrativa de vários *pagi*.

A *tessera* de Bizerta vem identificada como *tessera pagi Minervi(i)* e é o *mag(ister) pagi* que a oferece: *d(e) s(ua) p(ecunia) d(edit)* (Beltrán 2010, 189); na de Villa Pitignano, é durante a sua magistratura (*magisterio suo*) que o *magister* dá a tésseira publicamente: *pub(lice) donavit* (Beltrán 2010, 193-197); na tésseira de Gallur (Beltrán 2010, 197-200, 2010a; Gómez-Pantoja 2009), subentende-se o documento e apenas se diz que *Sextus Aninius Lupus pago Gallorum et Segardinensium fecit*; finalmente, na tésseira dita de “Tolentino” (Beltrán 2010, 200-207), identifica-se expressamente o documento como *tessera paganica* e declara-se que foi o patrono quem, por voto, ofereceu a tésseira e as vítimas expiatórias.

No caso vertente, foi um particular, indígena, *Caburius*, quem pagou as despesas; não se identifica como *magister*, mas poderá sê-lo; e a *tessera*, a guardar num lugar sagrado para melhor preservação, em contexto, pois, mais religioso do que político-militar, simbolizaria a solenidade do acto. Um fenómeno urbano, portanto, concretizado em ambiente rural.

Contudo, numa interpretação ou noutra, há um personagem individual a agir em nome da comunidade, que porventura o apresenta, inclusive, como seu elemento identificador. E essa ideia prende-se com o que adiante se analisará.

4. ARAS DE ALCAINS

As duas aras de Alcains (termo da *civitas Igaeditanorum*) (Assunção 2009) enquadram-se cabalmente no tema que propus para esta intervenção: gentes e divindades na Lusitânia pré-romana ocidental:

ASIDIAE / GENTILITAS / POLTVRICIO/RVM · EX VOTO POLTV/⁵RI
CAENO/NIS / A(nimo) · L(ibens) · S(olvit)

ASIDIAE / POLTV/CEAE / L(ucius) ATTIVS / ⁵ VEGETVS / V(otum) ·
L(ibens) · S(olvit)

O sítio continua sacralizado nos nossos dias com a existência duma ermida dedicada a S. Domingos e a circunstância de as epígrafes terem sido encontradas em conjunto permite-nos ratificar uma conclusão já muito por nós advogada: as divindades pré-romanas estão directamente ligadas, na sua maioria, aos *populi*, às gentes, às tribos, às “organizaciones suprafamiliares” (para utilizarmos a terminologia de M. Lourdes Albertos); enfim, a esses núcleos populacionais, naturalmente de raiz familiar, de que são protectores.

Amílcar Guerra teve oportunidade de tecer considerações acerca de eventuais etimologias quer do teónimo *Asidia*, até ao momento por completo desconhecido (não há *Asidius* no Dicionário de Oxford, não há notícia de *Asidius* nos textos latinos compulsados pelo Laboratório de Análise Estatística de Línguas Antigas de Liège – LASLA), quer de *Polturus*, *Polturicii*, *Poltucea*.

Asidia Poltucea tem este epíteto porque protege a *gentilitas Polturiciorum*, de que *Polturius* poderá ter sido o antepassado maior, até porque é dele que parte a iniciativa do ex-voto.

Uma conclusão há, pois, a realçar, para além de estarmos perante latinizações de sons pré-romanos: é que, amiúde, nos embrenhamos em eruditas explicações do foro linguístico, quando, por vezes, a razão é bem mais simples: a diferente pronúncia da palavra. Aqui, o antropónimo é *Polturus* ou *Polturius*; a *gentilitas*, *Polturiciorum*; e a divindade adoptou o epíteto de... *Poltucea*!

Segunda conclusão: também aqui o que conta são as pessoas.⁵

E isso nos leva a nova interpretação da célebre inscrição comemorativa da oferta de um *orarium* à *civitas Igaeditanorum* (<http://eda-bea.es/>, registo nº 22.943): os antropónimos em genitivo ali presentes depois da expressão *per mag(istros)* mais não são do que a identificação das *gentilitates* cujos *magistri* intervieram nesse acto oficial para aceitar a oferta e para indicar o local onde ela deveria ser colocada — e tal, até agora, não se compreendera! São as *gentilitates Toutoni Arci f(ilii)*, *Malgeini Manli(i) f(ilii)*, *Celti Arantoni(i) f(ilii)* e *Ammi(i) Ati f(ilii)*, identificadas, pois, pelos nomes dos seus

⁵ Escreveu Leite de Vasconcellos 1905, 78: “Da existência de *gentilitates*, agrupamentos especiais, que, ao que parece, tinham por base a família, e que possuíam cultos próprios, falam várias inscrições da época romana”.

maiores. E, como convém, a identificação dos magistrados não vem expressa, dado que eles estão ali como meros representantes da sua *gentilitas*!

BIBLIOGRAFIA

- Albertos 1975: M^a L. Albertos, *Organizaciones Suprafamiliares en la Hispania Antigua*, Valladolid 1975.
- Assunção 2009: A. Assunção, J. d'Encarnação, e A. Guerra, “Duas aras votivas romanas em Alcains”, *RPA* 12.2, 2009, 177-189.
- Beltrán 2006: F. Beltrán, “Rural communities and civic participation in Hispania during the Principate”, en: F. Marco, F. Pina e J. Remesal (eds.), *Repúblicas y ciudadanos: modelos de participación cívica en el mundo antiguo*, Barcelona 2006, 257-272.
- Beltrán 2010: F. Beltrán, “Tesserae paganicae”, en: L. Lamoine, C. Berrendonner e M. Cébeillac-Gervasoni (eds.), *La Praxis Municipale dans l'Occident Romain*, Clermont-Ferrand 2010, 187-212.
- Beltrán 2010a: F. Beltrán, “La tésera pagánica de Gallur”, *Epigraphica* 72, 2010, 151-168.
- Cardoso 2011: J. L. Cardoso e M. Almagro (eds.), *LUCIUS CORNELIUS BOCCHUS - Escritor Lusitano da Idade de Prata da Literatura Latina*, Lisboa - Madrid 2011.
- Encarnação 2009: J. d'Encarnação, “Da invenção de inscrições romanas, ontem e hoje: a propósito de uma tésseira de bronze”, *RPA* 12.1, 2009, 127-138.
- Encarnação 2011: J. d'Encarnação, “Dos minérios e das epígrafes em tempo de Romanos”, en: C. Batata (ed.), *Actas VI Simpósio sobre Mineração e Metalurgia Históricas no Sudoeste Europeu*, Abrantes 2011, 59-73. Acessível em: <http://hdl.handle.net/10316/16875>.
- FE 449: J. d'Encarnação, “Fragmento de inscrição funerária de Arruda dos Vinhos (*Conventus Scallabitanus*)”, *FE* 101, 2012, n^o 449.
- Gómez-Pantoja 2009: J. Gómez-Pantoja, “No siempre la inscripción es lo más importante. Un bronce de Gallur (Zaragoza) y las *tesserae pagi*”, en: J. F. Rodríguez Neila (ed.), *Hispania y la Epigrafía Romana: Cuatro Perspectivas*, Faenza 2009, 83-131.
- González Herrero 2013: M. González Herrero, *Organización del Culto Imperial de Carácter Provincial en Hispania*, Barcelona 2013 (no prelo).
- IRCP: J. d'Encarnação, *Inscrições Romanas do Conventus Pacensis*, Coimbra 1984.
- Kajanto 1982: I. Kajanto, *The Latin Cognomina*, Roma 1982 (reimp.).
- Pagán 2005: V. E. Pagán, *Conspiracy Narratives in Roman History*, Texas 2005.
- Reichmuth 1956: J. Reichmuth, *Die lateinischen Gentilicia und ihre Bezeichnungen zu den römischen Individualnamen*, Zürich 1956.

Gentes e divindades na Lusitânia pré-romana ocidental

- Solin 1982: H. Solin, *Die griechischen Personennamen in Rom. Ein Namenbuch*, 1, Berlin-Nova Iorque 1982.
Vallejo 2005: J. M. Vallejo, *Antroponimia Indígena de la Lusitania Romana*, Vitoria 2005.
Vasconcellos 1905: J. L. de Vasconcellos, *Religiões da Lusitânia*, II, Lisboa 1905.

José d'Encarnação
Centro de Estudos Arqueológicos
das Universidades de Coimbra e Porto
correo-e: jde@fl.uc.pt

Fecha de recepción del artículo: 17/03/2013 Fecha de aceptación del artículo: 24/03/2013



ACADÈMIA
VALENCIANA
DE LA
LLENGUA

